

O ENSINO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO 2º GRAU EM BELÉM - PARÁ - BRASIL

*Maria Neusa Monteiro
Universidade Federal do Pará*

Neste texto apresentaremos parte de um conjunto de estudos que atualmente desenvolvemos com o objetivo de analisar o ensino de Filosofia no Estado do Pará - Brasil, e de verificar se o mesmo tem contribuído para a formação do homem, qual é a concepção de Filosofia e Educação que perpassa o conteúdo da disciplina (Filosofia) e a prática pedagógica dos professores nos cursos de 2º grau, a fim de identificar a que, ou a quem está servindo esta disciplina, qual a percepção dos professores e alunos a respeito de sua importância na formação dos educandos no 2º grau e dos educadores ligados à área filosófica.

Limitaremos a reflexão que aqui apresentaremos, a uma questão: "O Ensino de Filosofia da Educação nos Cursos de Formação de Educadores no 2º grau em Belém".

1. O Ensino de Filosofia da Educação em Belém

O Ensino de Filosofia da Educação no 2º Grau no Estado do Pará-Brasil tem uma história ligada à criação da primeira Escola Normal.

A Escola Normal do Pará foi criada pela Lei nº 669 de 13/04/1871, sancionada pelo então Presidente da Província, Dr. Joaquim Machado Portela. Porém, foi instalada em 13 de Maio de 1871, em uma dependência do Colégio Nossa Senhora do Amparo que funcionava no Liceu Paraense, hoje Colégio Paes de Carvalho.

A Filosofia da Educação na Escola Normal de Belém foi introduzida no currículo do curso de magistério somente em 1952, com a proposta curricular expressa no Regimento Interno decreto 1.098 de 22.08.1952, sendo que a disciplina se chamava História e Filosofia da Educação. Permaneceu assim até ao período de transição entre Lei Orgânica e a LDB (Lei-4.024- de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) mudando apenas a terminologia, passando a se denominar História e Filosofia Educacional.

Neste período está em trâmite a nova LDB (4.024) aprovada em 61, a qual trará no seu bojo, que o curso de magistério terá pressupostos históricos, filosóficos, psicológicos e sociológicos, reforçando a nível de 2º grau, no magistério, a filosofia enquanto disciplina

necessária para a formação do professor de 1ª a 4ª série. Esta disciplina estava contida na grade na parte curricular como disciplina optativa e continuava ainda ligada à História da Educação, no 2º ano do curso.

Com as emendas ocorridas na Lei (4.024) na 2ª fase desta, a Filosofia ganha uma carga específica no 3º ano, estando agora incluída na parte de cultura específica. Na terceira fase da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), História e Filosofia da Educação mais uma vez voltam a se encontrar, tendo 60 horas de carga horária anual.

Em 1976, a carga horária de História e Filosofia da Educação é acrescida de 30 horas, ficando com 90 horas anuais. Com a Resolução 265/CEE-PA(Conselho Estadual de Educação do Estado do Pará) de 22 de Outubro de 1980, as disciplinas (Filosofia, Sociologia, História e Psicologia) são anexadas em duas matérias: Fundamentos da Educação I e II, cabendo à Filosofia da Educação a carga horária no 2º ano. Na realidade não se pode ter certeza que realmente a disciplina Filosofia da Educação era ministrada de maneira correta, visto que no mesmo conteúdo programático continha conteúdos das diversas disciplinas pedagógicas.

Essa situação perdurou até 1992, quando o Departamento de 2º grau da SEDUC-PA (Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Estado do Pará), teve como proposta desanexar as disciplinas de Fundamentos em carga horária específica, sendo aprovada pelo Conselho Estadual de Educação do Pará, ficando a Filosofia da Educação com carga-horária própria de duas horas semanais.

Em face da problematidade do ensino de Filosofia da Educação no 2º grau e objetivando conhecer a realidade desse ensino em Belém e resgatar a sua historia, propomos realizar um estudo através de um projeto de pesquisa intitulado "Um Estudo do Ensino de Filosofia da Educação nos Cursos de Formação de Educadores no 2º Grau em Belém: Redes Pública e Particular". O projeto mencionado iniciou-se em Agosto de 1995 e será concluído em Julho de 1998, contando com o apoio de quatro discentes bolsistas e da docente Janaina Specht da Silva Menezes.

2. Considerações Metodológicas

A percepção, oriunda do estudo sobre Filosofia, de que a realidade não é fragmentada, mas um todo, situado e datado, construído pelo homem nas suas relações sociais, na contradição histórica (FARIAS - 1980, DIAS - 1993, CHAUI - 1995, CAPALBO -1978, RIOS - 1995, CARTOLANO - 1987, etc.), fez com que o grupo buscasse inspiração no enfoque dialético. Neste, o papel do pesquisador não é simplesmente o de descrever o real, sua tarefa é tomá-lo como problema, como objeto de reflexão; perguntando sobre o sentido do fenômeno estudado, quais as ideologias que impedem de percebê-lo em sua plenitude.

Adotar a dialética significa assumir riscos, visto que o encaminhamento da pesquisa não possui nesta abordagem um único sentido, nascendo e se transformando na interação su-

jeito/objeto. O método, desta forma, emerge da situação concreta, vivenciada pelo pesquisador, que precisa se ver como sujeito, decidindo sobre os encaminhamentos e estratégias necessárias à concretização de seus objetivos.

O enfoque dialético é extremamente arriscado, por ser construção, por isso afirma KUENZER (1986, p.18) "... se tratando de método dialético não há receitas". Não havendo receitas, conclui-se que o desenvolvimento de uma pesquisa é sempre único, porque leva-se em consideração as limitações impostas pelo contexto ao trabalho do pesquisador. Esta unicidade exige que o pesquisador forneça o caminho metodológico criado para que outros da área, ao compreendê-lo, possam discutir e questionar os resultados obtidos e os procedimentos metodológicos adotados. Afinal, o resultado de uma pesquisa não deve se constituir em "verdade revelada", portanto, aceita sem discussão, mas sim como material a ser estudado e polemizado.

Por tudo isto, o processo empreendido pelo grupo de pesquisa passa, a partir deste momento, a ser exposto, no intuito tanto de situar os encaminhamentos metodológicos decididos a partir das situações concretas vivenciadas, quanto, ao fazer público esta trajetória, tornar os resultados da pesquisa abertos à discussão e possíveis críticas. Passa-se, portanto, a expor como o grupo enfrentou a aventura e o risco de construir o próprio caminho, negando receitas científicas, pressupondo que se aprende a pesquisar, pesquisando. Isto não significa que foram ignorados os trabalhos sobre metodologia, mas que todos os autores utilizados, como TOBIAS (1992), foram lidos tomando como parâmetros, a realidade enfrentada e problemas concretos como tempo e escassez de recursos financeiros.

Primeiramente, tendo como objetivo compreender a discussão teórica realizada sobre Filosofia da Educação e o seu ensino, bem como sobre a práxis docente, realizou-se uma revisão bibliográfica referente ao estudo. Essa etapa foi indispensável porque, concordamos com LÜDKE (1986, P.02), toda pesquisa nasce "a partir e em continuação do que já foi elaborado e sistematizado pelos que trabalharam o assunto anteriormente. Tanto pode ser confirmado como negado pela pesquisa o que se acumulou a respeito desse assunto, mas o que não pode é ser ignorado".

3. Apresentação e Análise dos Resultados Parciais da Pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada em 14 escolas de 2º grau, 172 questionários recolhidos e 09 professores entrevistados.

• Caracterização do Universo Pesquisado

Realizaremos uma breve caracterização do universo pesquisado, no intuito de situar os sujeitos por nós entrevistados.

* ALUNOS:

O grupo de alunos pesquisado cursa o 2º ou 3º ano do magistério de 2º grau. A maioria dos nossos entrevistados mostra-se interessada em continuar seus estudos a nível superior.

* PROFESSORES:

No que se refere ao grupo de professores, o universo pesquisado percorre um total de 09 entrevistados. A maioria é formado em Pedagogia, outros formados em Pedagogia e História ou Filosofia e Pedagogia.

O envolvimento profissional dos sujeitos ouvidos com a Filosofia da Educação é na maioria recente, girando em torno de 3 a 5 anos de atuação. Os motivos que os levaram a assumir essa disciplina, vão desde razões pessoais, o gosto pela Filosofia, até posições muito práticas, como a complementação da carga horária. Alguns docentes aceitaram trabalhar com a disciplina por não haver outros professores na escola interessados em ministrá-la.

A metodologia mais utilizada pelos nossos informantes é a aula expositiva dialogada e o debate em sala de aula.

A avaliação prima pela elevação do nível de expressão oral e escrita, se efetivando através de provas, debates e trabalhos em sala, individuais ou em equipe.

O planejamento, na maioria das vezes, se limita, nas escolas públicas, ao fornecido pela SEDUC, e nas particulares, ao fornecido pelas próprias escolas.

A bibliografia utilizada refere-se às obras de Filosofia da Educação de autores brasileiros, como: PILLETI, C., LUCKESI, C., ARANHA, M. L. A., SEVERINO, A. J., CHAUI, M.

Neste momento do texto passa-se a analisar as respostas dos alunos ao questionário aplicado, no intuito de perceber a posição do aluno a respeito da disciplina Filosofia da Educação, qual a sua opinião sobre as metodologias, a relação com o professor e com o conteúdo ministrado, bem como a importância deste conteúdo para a sua futura atividade docente e vida, para o seu relacionar-se com o mundo e com os outros homens mediatizados pelo mundo.

Na questão metodológica aponta-se o debate e a aula expositiva como sendo as metodologias mais utilizadas. Nesta questão do questionário o aluno poderia responder a mais de um item. Como consequência, a utilização dessas metodologias permite o estabelecimento do diálogo entre professor e aluno, o relacionamento se torna mais fácil, tanto que um grande percentual dos discentes considera esse relacionamento de bom a ótimo.

As justificativas apresentadas para a relação professor / aluno, nas aulas de Filosofia da Educação, terem, conceito ótimo e bom, foram basicamente duas: diálogo e respeito. E concordamos com BENINCÁ (1993, p. 87):

"Diálogo significa a manifestação recíproca das pessoas através da palavra. Quem pronuncia a palavra, pronuncia-se a si mesmo, mostra sua intimidade, revela o seu interior, isto é, revela o que foi gerado e o que cresce dentro de si. Pronunciar a palavra significa, portanto, tornar visível o invisível, revelar o oculto, ou seja, anunciar o mistério. No diálogo, as pessoas se anunciam e se revelam, e ele acontece, quando as consciências das pessoas se põem em confronto".

Em relação à categoria “respeito”, torna-se fundamental para que o aluno cresça e se desenvolva com suas características próprias .

Analisando as respostas, sente-se que nesta relação professor / aluno o diálogo e o respeito são fundamentais, tanto que o grupo de alunos que considera razoável ou péssimo esse relacionamento se reportam justamente a falta de diálogo e respeito, de valorização de suas idéias. O professor que em sala de aula não respeita a capacidade de diálogo do educando, considera-o um depósito vazio, ou seja, um ser ignorante, transformando a educação em uma pedagogia opressora. Ora, o diálogo é próprio do homem, enquanto ser de comunicação: “o diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual” (FREIRE, 1986, p. 14).

Outro aspecto da pesquisa que merece relevância é o que diz respeito à importância do conteúdo filosófico no curso de magistério para a vida profissional futura do educando, bem como para o exercício da cidadania e do viver ético.

Observou-se que a grande maioria dos alunos considera a Filosofia importante para sua vida, ou seja, o aprendido em sala de aula possui um valor muito maior de que o de ser apenas exercício de memorização para a prova e viam como fundamental que esses conteúdos pudessem ser incorporados em seu viver. Nessa visão, os alunos indicaram várias formas de compreender a Filosofia, algumas mais profundas, outras mais simples, entretanto, todas foram consideradas e, durante o período de análise, foram agrupadas a partir do significado de seu conteúdo, formando o que passará a ser chamados de eixos temáticos. Porém, ressaltamos, que esse agrupamento se deu para um maior entendimento didático, não podendo de maneira nenhuma serem considerados independentes. Esses eixos temáticos surgem da aglutinação de respostas a duas perguntas: uma, referente à importância da Filosofia para sua prática docente e a outra, a respeito da relevância da Filosofia para sua vida. Pelas respostas recebidas e analisadas observou-se que o aluno não percebia uma realidade desvinculada da outra. Assim, a Filosofia influenciando na sua vida, de certo também influenciará na sua prática docente, pois “o homem não é uma vez material, outra vez espiritual(...), outra vez social (...) outra vez moral. Ele é pessoa e age como todo” (SCHMITZ, 1990. p.18).

As temáticas construídas a partir das respostas dos alunos foram doze, no entanto apresentaremos apenas três que consideramos principais:

- Atitude crítica frente a realidade: a história da origem da Filosofia remonta a intenção do homem em construir conhecimento em bases mais seguras. A transposição da consciência mítica à filosófica constitui o primeiro grande passo para a descrição e análise crítica da realidade, como reflete a fala do aluno entrevistado que reconhece que “a Filosofia ajuda o homem a compreender as coisas que acontecem na vida e puxa pela reflexão dos fatos a sua volta.” Desta forma, a apropriação dos conhecimentos filosóficos são fundamentais para a compreensão do nosso momento histórico.

“Devemos repelir qualquer idéia de que a Filosofia seja um quadro exposto à contemplação passiva do homem(...) A Filosofia é antes de mais nada, em primeiro lugar e acima de tudo,(...) um instrumento de ação, com ajuda da qual o homem conhece a natureza e busca conforto físico e espiritual para a vida.” (BAUSBAM, 1986, p. 315)

• Atitude de auto conhecimento: os alunos que percebem a Filosofia nesta categoria, a vêem como propiciadora, como algo capaz de fazê-los refletir acerca de si mesmo, de sua essência. Segundo Chauí: “Reflexão significa movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando-se a si mesmo”. (1996, p. 14).

• Atitude de busca da verdade: uma das tarefas mais sublimes da Filosofia, talvez a maior entre elas, seja a busca da verdade. E por não nos contentarmos com os fatos tais quais se apresentam à primeira vista, é que caminhamos para descobrir as essências que se ocultam pelas aparências.

Os alunos que se reportam à Filosofia enquanto busca da verdade trabalham esse saber na perspectiva da teoria do conhecimento e enquanto tal compreendem o saber como processo inacabado e inacabável de construção humana.

Os professores entrevistados situaram a Filosofia da Educação no 2º grau como disciplina ainda mal compreendida, considerada inclusive, inútil. É fundamental que se reverta essa compreensão da Filosofia como inútil à realidade educacional, visto que, como afirmou um de nossos entrevistados:

“Caso não haja empenho para mudar o pensamento da escola quanto a utilização da Filosofia para o magistério, a tendência é ser retirada do currículo”.

O conhecimento filosófico, ao se aproximar da educação, enriquece esta de tal forma que apenas os indivíduos alienados no mundo educacional, que aceitam os problemas e as contradições da escola passivamente, é que consideram inútil esse conhecimento, visto que, como afirma Marilena CHAUI (1995, p.18):

“Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil, se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e os poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil, se dar a cada um de nós e a nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações, numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil; então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes”.

A utilidade da Filosofia para a vida dos homens e para a educação em particular, foi ratificada várias vezes pelos entrevistados quando discorrem sobre a relação entre Filosofia e Educação, sobre a importância desta no curso de formação de educadores no 2º grau e a contribuição para a prática docente sua e de seus alunos. Essas respostas enfatizaram o como

a Filosofia se articula à Educação e, neste sentido, como é útil à educação, foram, durante o período de análise dos dados, agrupadas, formando temáticas específicas. É importante observar que as temáticas aqui expostas, apenas didaticamente podem ser separadas; na prática, no cotidiano educacional, a Filosofia contribui para a educação em todos esses aspectos dialeticamente, um decorre e depende do outro.

Os eixos temáticos constituídos a partir das respostas dos professores versam sobre as possíveis relações entre Filosofia e Educação, e correspondem a três aspectos, são eles:

- Críticas as teorias e práticas educacionais
- Reflexão sobre o fazer pedagógico em sala de aula
- Articulação das dimensões da competência do educador.

As temáticas referidas serão analisadas separadamente:

• Críticas às teorias e práticas educacionais

A Filosofia ao adentrar no mundo educacional, vem destituir este de sua aparente harmonia e neutralidade, desvelando os sentidos, como lembra RIOS (1995), na dupla acepção de caminho e significado, das práticas e teorias educacionais. É pela Filosofia que se descobre o caráter político da educação, expresso em suas finalidades. Isto ocorre porque a Filosofia toma a educação como um desafio, como algo que precisa ser compreendido, pergunta sobre seus fundamentos, sobre suas raízes.

A Filosofia da Educação afirma sua utilidade na formação do educador no momento em que leva este a refletir sobre as outras disciplinas consideradas “mais” práticas, como a didática e as metodologias, resgatando o profissional de educação como um ser capaz de pensar, de criar e construir.

• Reflexão sobre o fazer pedagógico em sala de aula

A problematização da prática ocorre porque a Filosofia não se esgota na reflexão sobre a educação, mas gera a partir desta ação sobre o real que se traduz no fazer educativo. Como acertadamente lembra GADOTTI (1991, p. 47).

“Sendo uma crítica histórica, a Filosofia assim praticada exige a prática das coisas das quais se fala. É a prova da verdade: a práxis. O filósofo da educação não pode falar da educação abstraído-se de sua própria prática educativa. Ele não pode falar a não ser após ter feito a experiência da educação.”

• Articulação das Dimensões da competência do Educador

A competência anunciada pelo conhecimento filosófico é solidária, esperançosa, quer concretizar com o seu trabalho o sonho de um mundo melhor, onde a dignidade humana seja respeitada.

Neste sentido, para a maioria dos nossos informantes o educador acaba assumindo o papel de formador de consciências críticas, de indivíduos capazes de modificar a sua realidade histórica.

Considerações Finais:

A pesquisa na área educacional, torna-se importante não por apresentar dados precisos, mas por apontar falhas e conquistas no sentido de promover novas aberturas, na condução do trabalho educativo. Este estudo realizado no 2º grau de Magistério, nas Escolas Normais de Belém, vem mostrar que este grau de ensino precisa de uma maior atenção, visto que as dificuldades detectadas se dão nas metodologias de ensino,, na formação do educador, ineficiente, por motivos diversos , como a falta de uma política educacional de incentivo aos cursos de pós-graduação, de participação em eventos científicos e de cultura geral.

Assim, a atividade da Filosofia é tida como um instrumento valioso do pensamento crítico, visto pelos alunos como necessário à sua formação intelectual.

Bibliografia

- ARANTES, P. *Filosofia e seu ensino*. São Paulo: EDUC, 1994.
- BENINCÁ, E. A. *A Prática Pedagógica da Sala de Aula*. in Revista de Educação-AEC, nº 90, Jan./Mar de 1994.
- CARTOLANO, M.T.P. *Filosofia no ensino de 2º. grau*. São Paulo: Cortez, 1986.
- CARRILHO, M.M. *Razão e Transmissão da Filosofia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1990.
- CHÂTELET, F. *La Filosofia de los profesores*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo : Ática, 1996.
- CRIPPA, A. et all. *As Idéias Filosóficas no Brasil*. São Paulo, Convívio, 1988.
- FREIRE, P. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FULLAT, O. *Filosofias da Educação*. Trad. De Raquel Zimmermann. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GADOTTI, M. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1990. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993. *Idéias diretrizes para uma filosofia crítica da educação*. In: Educação e Poder: Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1986.
- GILES, T. R. *A Filosofia da Educação*. São Paulo: EPU, 1990.
- HUHNE, L. M. *Política da Filosofia no 2º. grau*. São Paulo: Sofia Editora SEAF, 1986.
- KANT, I. *Réflexions sur l'éducation*. Paris: VRIN, 1988.
- LARA, T. A. *A Escola que não Tive... O Professor que não fui...* São Paulo: Cortez, 1996.
- MENDES, D.T. (org.) *Filosofia da Educação Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- PAIM, A. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1990.
- PAVIANI, J. *Problemas de Filosofia da Educação: cultura, política, ético na escola, pedagógico, epistemológico no ensino*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- REBOUL, O. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- SEVERINO, A. J. *Filosofia da educação*. São Paulo: FTD, 1994.